



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

LAÍS RODRIGUES CAVALCANTE

DISSIPANDO AS BRUMAS, VER-SE-Á A FACE DA DEUSA

.

**GUARABIRA
2017**

LAÍS RODRIGUES CAVALCANTE

DISSIPANDO AS BRUMAS, VER-SE-Á A FACE DA DEUSA

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Gênero e Psicanálise.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz

GUARABIRA
2017

C376d Cavalcante, Lais Rodrigues.
Dissipando as Brumas, ver-se-á a face da Deusa.
[manuscrito] / Lais Rodrigues Cavalcante. - 2017
44 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rafael Francisco Braz,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Morgana. 2. Deusa mãe. 3. Imagem do Feminino.

21. ed. CDD 801.95

LAÍS RODRIGUES CAVALCANTE

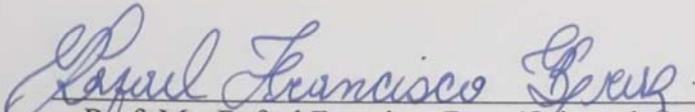
DISSIPANDO AS BRUMAS, VER-SE-Á A FACE DA DEUSA

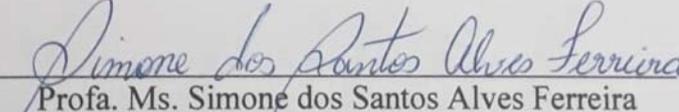
Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

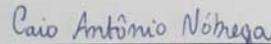
Área de concentração: Literatura, Gênero e Psicanálise

Aprovada em: 13 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ms. Simone dos Santos Alves Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esta monografia a Deus, por ser Senhor da minha vida e por me amar incondicionalmente, meu guia, meu melhor amigo. Ao meu noivo, Michael, pelo amor e apoio na busca pela realização dos meus sonhos. Aos meus pais pela educação que me concederam, e ao meu orientador, Professor Rafael, pelo incentivo da minha pesquisa e dedicação que me confiou. A vocês que me deram coragem para questionar realidades e propor um mundo novo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

UM TRABALHO como este necessita citar vários nomes,

Em primeiro lugar, agradeço de todo meu coração ao meu Senhor Jesus Cristo que me concedeu sabedoria e plena tranquilidade em dias difíceis para produzi-lo, a Ele toda minha vida em forma de adoração pelos grandes feitos que tenha realizado, sem Jesus com certeza não teria chegado até aqui, Ele é o meu ar, tudo que eu tenho de mais precioso.

Em segundo lugar, quero agradecer ao meu orientador e professor, Mestre Rafael Francisco Braz, que fico sem palavras para agradecer-lo o tamanho da sua importância em minha vida, você que é um ser humano de coração iluminado e traz consigo uma imensa sabedoria, um caráter incontestável e uma enorme capacidade de tornar outros capazes, sem a sua mão meu orientador esta pesquisa não poderia ser realizada, a você minha eterna gratidão pela sua paciência e disponibilidade, pelos conselhos e toda ajuda direcionada a mim. Ganhei um amigo, um professor gigantesco por excelência.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão e amor ao meu noivo Michael Everton, meu amor e amigo, meu cúmplice. Aquele que tem dedicado seus dias a me fazer feliz, que me traz paz e estende todo seu apoio a mim e sempre é compreensivo a ponto de me atender em tudo que for necessário. Obrigada meu amor por enfrentar comigo todas as barreiras que a vida colocou em forma de provação para tornar o nosso sentimento um pelo outro cada vez mais forte e sabemos que o nosso esforço está sendo recompensado.

A minha família, pai e mãe pela preocupação e por investir em mim, as minhas irmãs, tias e primos, aos meus amigos de curso, principalmente, a Glenda Bianca, minha amiga e irmã, Fernanda e Ricardo, Ana Paula, Edilane são companheiros de grandes jornadas acadêmicas.

Aos colegas das letras que fizeram parte da minha história nesta universidade desde a tarde até a noite.

Agradeço aos professores que contribuíram em minha formação e todo conhecimento que adquiri nesta graduação.

Aos meus patrões e colegas de trabalho que sempre me cediam o espaço necessário para fazer minhas pesquisas.

Minha igreja, onde aprendi o valor da minha fé, aos meus irmãos em Cristo, que sempre me deram forças para não desistir e me apresentavam em constantes orações, minha,

amiga, Djowana e Isabelle, as quais sempre me direcionaram palavras de ânimo e consolo perante as dificuldades.

A Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Departamento de Letras, agradeço pelo espaço e convívio durante anos, ao Curso de Letras Licenciatura de Língua Portuguesa que acrescentou a mim um conhecimento imensurável que carregarei por toda vida.

Acima de tudo, sempre serei grata a Deus pelo dom da vida que me proporcionou quem sempre acreditou em mim e me mostrou que posso ir além do que sempre imaginei.

Encerro estes agradecimentos com um versículo bíblico em que se baseia a minha vida: *“Porque bem sei os pensamentos que tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de mal, para vos dar o fim que esperais. Então me invocarás, e ireis e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis, e me encontrareis quando me buscardes com todo vosso coração.”* Jeremias 29: 11-13.

“Em vida, chamaram-me de muitas coisas: irmã, amante, sacerdotisa, maga, rainha. Na verdade, cheguei agora a ser maga, e poderá vir um tempo em que tais coisas devam ser conhecidas. Verdadeiramente, porém creio que os cristãos dirão a última palavra.”

Marion Zimmer Bradley, 1989, p., 9

RESUMO

A literatura, como representação da realidade ficcional, é responsável por nos fazer conhecer histórias e vivências de pessoas e/ou personagens que demonstram através da ficção, ou de relatos verídicos a realidade, mimetizada, de alguns fatos históricos e sociais que atravessaram o tempo e a memória. Através de retratos, relatos, símbolos e representações nas narrativas literárias há um reconhecimento de sentimentos e absorção de teorias e pensamentos que são transformadores e libertadores e, por isso, podemos afirmar que há um poder no discurso de uso literário e linguístico presente nos livros. Enfatizamos, nesta pesquisa, as questões da feminilidade, como exibição da mulher na literatura da escritora norte-americana, Marion Zimmer Bradley, com intuito de interpretar estes significados, arquétipos e símbolos, aliada a imagem do Feminino. Nossa fundamentação teórica baseia-se em Bedasee (2000), Rosado (2001), Foucault (1996), Chevalier e Gheerbrant (2009) e Cirlot (2005) Campbell (1990), Barros (1994), Robles (2006), Jung (2002). A análise nos mostra que O fato da vida de Morgana e das outras personagens passarem por tantos desafios, enfatiza mais ainda que as mulheres sejam seres magistrais e não seres inferiores que devem ser menosprezados por causa de uma ideologia e de uma crença. Os valores das mulheres estão acima de tudo isso, pois a figura materna principalmente, por carregar os arquétipos do amor, da energia de acolhimento que apenas um colo de mãe apresenta, a natureza como figura da Deusa mãe da Terra e de todos. O verdadeiro sentido da devoção, da entrega por amor a uma divindade.

Palavras-chave: Morgana. Deusa mãe. Imagem do Feminino.

RÉSUMÉ

La littérature, en tant que représentation de la réalité fictive, est responsable de nous faire connaître des histoires et des expériences de personnes et / ou de personnages qui démontrent par la fiction ou la vérité, la réalité imitée de certains faits historiques et sociaux qui ont traversé le temps. la mémoire. A travers les portraits, les rapports, les symboles et les représentations dans les récits littéraires, on reconnaît les sentiments et l'absorption des théories et des pensées qui se transforment et libèrent et on peut affirmer qu'il y a un pouvoir dans le discours de l'usage littéraire et linguistique présent dans les livres. Nous soulignons dans cette recherche les enjeux de la féminité, tels que l'exposition des femmes dans la littérature de l'écrivain américain Marion Zimmer Bradley, afin d'interpréter ces significations, archétypes et symboles, alliés à l'image du Féminin. Nos fondements théoriques sont basés sur Bedasee (2000), Rosado (2001), Foucault (1996), Chevalier et Gheerbrant (2009) et Cirlot (2005) Campbell (1990), Barros (1994), Robles 2002). L'analyse montre que le fait que la vie de Morgan et des autres personnages traversent tant de défis souligne encore plus que les femmes sont des êtres magistériels et non des êtres inférieurs qui doivent être sous-estimés à cause d'une idéologie et d'une croyance. Les valeurs de la femme sont avant tout celles-ci, car la figure maternelle, principalement en portant les archétypes de l'amour, l'énergie hôte que seule une mère présente, la nature comme la figure de la Déesse Mère de la Terre et de tous. Le vrai sens de la dévotion, de la soumission pour l'amour d'une divinité.

Mots-clés: Morgana. Déesse Mère. l'image du Féminin.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O UNIVERSO DE MARION ZIMMER BRADLEY	17
3	ECOS DE MULHERES	19
4	SÍMBOLOS NEOCRISTÃOS	27
4.1	Dragão	28
4.2	Bruma	29
4.3	A Cruz	31
4.4	A espada	33
4.5	O símbolo do lago e a Dama do Lago	35
5	O ARQUÉTIPO DA DEUSA: A GRANDE-MÃE	37
6	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Cada ser humano tem sua forma de pensar, agir e se comunicar em sociedade, porém todas elas foram construídas de acordo com suas vivências e/ou experiências diárias adquiridas por um processo autêntico com o outro, assim, a identidade e pensamento vão se construindo traçando, portanto, a nossa personalidade através das atitudes e das nossas escolhas.

Ser mulher ou ser homem, neste contexto, nos faz repensar bastante sobre condição que cada um assume dentro desta coletividade. Postura esta, que podem ser julgadas como coerente e/ou incoerente dependendo de nossas práticas. Para isto, há um padrão determinado para o gênero neste meio que consiste em elementos ora culturais ora educacionais.

Para tanto, a história das mulheres têm sido modificada com o passar dos anos, assim, como se social, temos presenciado grande marcos de mudança, principalmente, na literatura e política, uma vez que podemos observar que os espaços que antes era considerado, somente, masculino tem-se perdido este sentido e ganhado uma outra roupagem da essência feminina. Vemos uma grande participação da crítica das mulheres que se posicionaram e se disponibilizaram a ocupar devidamente a postura e o pensamento de cidadã na sociedade.

A literatura, como representação da realidade ficcional, é responsável por nos fazer conhecer histórias e vivências de pessoas e/ou personagens que demonstram através da ficção, ou de relatos verídicos a realidade, mimetizada, de alguns fatos históricos e sociais que atravessaram o tempo e a memória. Através de retratos, relatos, símbolos e representações nas narrativas literárias há um reconhecimento de sentimentos e absorção de teorias e pensamentos que são transformadores e libertadores e, por isso, podemos afirmar que há um poder no discurso de uso literário e linguístico presente nos livros.

Falando no aspecto feminino essa ação de se assumir e ser quem a sociedade impõe está sendo questionada dentro da crítica feminista que propõe, veementemente, mudanças que ocorram na representação destes papéis. Cabe a nós, indivíduos não isentos de assumir estas funções requererem uma identidade própria que não se abstenha, apenas, a padrões sociais e culturais. E sim, uma identidade construída pela igualdade de direitos e deveres, onde homens e mulheres ocupem o mesmo lugar independentemente do gênero, raça e/ou religião.

Neste critério de observação, sugerimos nesta pesquisa, interpretar e analisar os elementos que compõem a obra *A Senhora da Magia*, que faz parte da trilogia de As Brumas de Avalon, de uma escritora norte-americana chamada Marion Zimmer Bradley, compreendendo os elementos simbólicos da lenda do rei Artur na Ilha de Avalon,

interpretando como categoria analítica, as personagens mulheres Morgana, Viviane, Igraine e Morgause a partir do estudo de gênero e crítica feminista, apresentando o arquétipo da grande Deusa que é a divindade que elas servem, nesta perspectiva vamos deixar ecoar a voz das mulheres e trazer a memória aspectos de crenças e culturas onde elas predominavam.

A característica que diferencia o ciclo arturiano nesta obra é, pois, que a história é narrada a partir da ótica feminina. Este romance, foi lançado em 1989, é o primeiro da trilogia que conta a história do declínio da religião celta e a assunção do cristianismo na idade média. Marion, a autora deste fabuloso livro tem sua carreira marcada por escrever obras que dão voz as classes menos favorecidas, ela tornou-se um verdadeiro ícone, principalmente, por escrever obras de ficção voltadas com a imagem das mulheres, e voz ao feminino que era desprezado neste âmbito literário. Seu nome é muito mencionado por esta atitude louvável de nos representar.

É argumentado no livro, como se deu a passagem das crenças, como era tratado às mulheres nesta cultura falocêntrica e as histórias de guerreiros que sempre são contadas pelas vozes masculinas, mas desta vez representado e personificado por Morgana, irmã de Artur, e, também, sacerdotisa de Avalon. Ela narra a história de sua mãe Igraine, sua tia Viviane, a Dama do Lago, e toda a trajetória de Artur para subir ao trono e ser coroado, os detalhes são encantadores e, ao mesmo tempo, míticos e simbólicos.

Na grande maioria da obra são elas que comandam e interferem nas guerras através da magia, elas habitam em Avalon, Ilha cercada águas e envolta por Brumas, mas que transitam entre os dois mundos fazendo a vontade da Deusa-Mãe. Uma verdadeira história de vida, dedicação e devoção a Grande Mãe, mulheres bravas, indomáveis e que não se dobravam diante dos homens, conquistadoras de seu próprio espaço, dominadoras de seu entendimento e identidade.

Morgana, a personagem principal, é fada e conta a história, possui sua magia encantada para conseguir realizar a sua missão, torna-se substituta de Viviane e Dama do Lago, elas forjam e dão a Artur a espada Excalibur, dentro de uma bainha encantada que o protegeria da morte, com a promessa de ser justo e não desprezar as crenças pagãs ele a recebe e tem seu nome grandioso, conhecido mundialmente por seus feitos e batalhas vencidas.

É, de suma importância, relatar esses fatos ocorridos durante a história, sobretudo se tratando da participação feminina neste contexto. Chegou a hora de desvendar esses mistérios que há muito tempo ficaram escondidos e vigiados sobre olhares masculinos, como a obra fala das brumas que escondem o misterioso, tornando símbolo do desconhecido.

Enfatizamos, nesta pesquisa, as questões da feminilidade, como exibição da mulher na literatura da escritora norte-americana, Marion Zimmer Bradley, com intuito de interpretar estes significados, arquétipos e símbolos, aliada a imagem do Feminino nesta pesquisa.

É possível, todavia, classificar nossos objetivos sendo eles: a) esclarecer a função da autoria feminina na obra da escritora Marion Zimmer Bradley; b) analisar a teoria feminista e enfatizada na narrativa, nos aspectos de autoras de críticas femininas, dando voz ao discurso das mulheres; c) categorizar os símbolos míticos e seus respectivos significados através de sua aplicação nos contextos culturais, assim como, os estudos de simbologia nas imagens representadas nas memórias das personagens; d) interpretar as funções destes símbolos no contexto da narrativa e, logo, os associar ao Feminino como centro numa concepção do universo cristão/pagão.

O meio de condução deste trabalho acadêmico foi despertar o questionamento através do senso crítico, que pode trazer resultados durante a assimilação do conceito de crítica feminina, que tem como objetivo o rompimento de paradigmas de literaturas tradicionais, apenas com a voz masculina considerada arcaicamente detentora da razão. Este trabalho é de caráter quanti/qualitativa.

O questionamento que prevê o desempenho de um romance literário de cunho feminino necessita percorrer uma contextualização da narrativa em seu momento histórico, trazendo concepções das teorias da crítica feminista de Simone Beauvoir, analisada e comentada por Raimunda Bedasee (2000), Maria José Rosado (2001), do discurso por Michel Foucault (1996) e, ao mesmo tempo, associar os aspectos simbólicos e míticos com base nos estudos de Chevalier e Gheerbrant (2009) e Cirlot (2005) e se tratando da análise crítica psicanalítica e mítica nos conceitos de Campbell (1990), Barros (1994), Robles (2006), Jung (2002).

Sendo assim, os objetos deste trabalho estão focados na representação do Feminino na obra em análise, nos pontos de interpretação dos símbolos e na exposição das teorias do discurso da mulher. Para execução desta pesquisa decidimos dividi-la em três partes:

No primeiro capítulo que tem por título a- *Biografia da autora Marion Zimmer Bradley* -, sua trajetória e sua proposta dentro da literatura, como se tornou conhecida e suas linhas de pensamento.

No segundo capítulo a teoria chamada de - *Ecos das mulheres*- externamos uma discussão teoria de vários elementos históricos nas perspectivas de autoras de críticas femininas, sobre o papel e a condição feminina na sociedade. Baseada na obra de Simone de

Beauvoir no seu livro o *Segundo sexo*. Comentado por algumas mulheres com base em concepções culturais, religiosas e sociais.

No terceiro capítulo temos a análise dos *-Símbolos neocristãos e o arquétipo da grande Deusa, na contextualização da obra A Senhora da Magia-* finalizando esta pesquisa com a análise do corpus da obra e das personagens mulheres nesta perspectiva de simbologia mítica e arquétipos, por fim, as considerações e referências usadas na composição desta pesquisa.

Neste presente Trabalho de Conclusão de Curso, foi elaborada com o intuito de destacar a força da mulher e evidenciar, através literatura e da palavra a voz feminina, e, portanto, constatar o seu poder e relevância perante a sociedade, como indivíduo e cidadã. Salientando, apenas, as particularidades positivas contidas na obra de Marion Zimmer Bradley, como exemplo o simbolismo, o discurso feminino, e as religiões medievais, a presença da Deusa e seus rituais, a mulher como centro, sua inteligência destacada com altivez, a excelência de suas descrições no romance. E apontar os fatos negativos dentro da literatura histórica propriamente machista que ocupou por muito tempo o lugar da razão na linha de pensamento desta sociedade patriarcal. Através das perspectivas de crítica feminina conseguimos iniciar uma literatura inovadora. Sendo assim, almejamos poder contribuir de alguma maneira, simples, mas acreditando na significação desta para o estudo da literatura norte-americana produzida por mulheres, esperamos que muitas contribuições a partir desta subjetividade surjam desta pesquisa.

2 O UNIVERSO DE MARION ZIMMER BRADLEY

A escritora Marion, Norte Americana, veio de uma infância pobre, nascida em Albany, Nova Iorque precisamente no dia 3 de Junho de 1930, residiu com os pais que eram agricultores em uma fazenda humilde, situada no condado de Rensselaer. Casou-se duas vezes e frutos desses matrimônios são os três filhos, Marion, como dona de casa sempre abdicou do seu tempo livre para aplica-lo a educação dos filhos, produzir novas ideias e escrever suas obras.

Com a renda extra das publicações ela financiou um curso superior e tornou-se professora, concluindo a graduação na Universidade de Hardin- Simmons, em Abilene, no Texas. A autora de obras fantásticas faleceu em 25 de setembro de 1999, aos 69 anos de idade em Bekerley CA. Deixando uma verdadeira riqueza literária para os seus fãs, seu nome é mencionado diligentemente graças as suas proveitosas contribuições para a arte.

Marion Zimmer Bradley era apaixonada por literatura, gostava de ler livros com temas de ficção e aventura, plenamente consciente de sua realidade, a escritora teve que trabalhar cedo para melhorar suas condições financeiras, pois a situação da época era bastante crítica. Em certo dia recebeu de sua mãe Evelyn Parkhurst Conklin uma máquina de datilografar e a partir daí dissipou em histórias os seus talentos. Mais tarde, esses estilos literários fizeram parte de outras de suas paixões, a de escrever, como se tornou conhecida, sendo ainda jovem pelos contos e obras compostas por livros fascinantes com narrativas fantasiosas e aspectos marcantes.

O sucesso da escritora deu-se pela atitude de dar voz as mulheres em suas obras, Marion ficou conhecida como a mãe da ficção científica feminina, no sentido literário, justamente por sub-representar as perspectivas da categoria. No início, a necessidade fez com que a escritora produzisse romance, histórias de mistério e sexo para publicação em revistas de acesso fácil e assim arrecadar meios de sustentar o marido e os filhos.

A aparição de seus contos era rodeada de novidades literárias, pois Marion escrevia para diversos públicos e gêneros, tais como: góticos, gays, lésbicas, feministas, crianças, admiradores de lendas medievais e, principalmente, de ficção científica, como foi o caso de uma de suas obras que teve bastante êxito: *Darkover* (um planeta fantasioso onde os seres humanos, ao terem contato com os alienígenas, adquiriam poderes extrapsíquicos) continuam a ter numerosos admiradores até hoje.

De fato, o reconhecimento de Marion veio, também, por uma de suas mais brilhantes obras: *As brumas de Avalon* (1982)- obra que será analisada neste trabalho- fez com que a

escritora Norte Americana ficasse conhecida mundialmente, pois a obra é considerada um dos “bestesellers” mais prestigiados do mundo e com outra obra que também obteve muito sucesso, *Presságio de Fogo* (1987), (conhecido no Brasil com o título de "Incêndio de Tróia"), onde reescreve a guerra de Tróia de uma perspectiva de cunho feminista. E não podemos deixar de lembrar-se da *Casa da Floresta* (1983) que provavelmente teve uma contribuição excepcional com a temática de confronto ao Império romano através do misticismo na Bretanha druida.

Essa era uma de suas principais características no ato de escrever, a mescla de questões como as de gênero, a alienação, relações humanas e valorização e desvalorização da cultura, tecnologia e evolução da sociedade, destacando sempre a religião céltica e o druísmo, e as tradições dos antigos, com a ideia de participação dos personagens em um mundo subitamente imaginário.

A autora das *Brumas de Avalon*, serve de inspiração para os amantes da leitura, principalmente para o público feminino, pois sempre demonstrou ser uma mulher que luta pelos direitos de igualdade entre gêneros, religiões e culturas. Em suas obras é evidente a predominância da voz feminina narrando os fatos que até então eram reproduzidos apenas por homens. Vale salientar que a magia, também, é uma característica palpável nas obras de Marion, o poder do mito, a deusa e suas aparições enveredadas na sociedade.

3 ECOS DAS MULHERES

A condição feminina e a literatura nesta obra estão interligadas profundamente, pois, a crítica literária nesta posição está intercalada em posição principal na evolução feminista evidenciando importância da obra de Simone Beauvoir na história das percepções críticas diante dos discursos, atos políticos e ideologias visando à transformação e conscientização da sociedade para a ótica da mulher.

A autora questiona a representação da mulher que é feita pelos escritores na maioria sendo homens, demonstrando a necessidade de revolta da parte feminina contra a maneira usual da leitura, para que haja, justamente, uma reforma no sentido literário, já que há uma descrição das leituras de um ponto de vista sexista e patriarcal. Essa representação na maioria das vezes possibilitou uma ideologia errada e, Simone Beauvoir, de maneira diferente desobedece a esses objetos de leitura.

Podemos perceber a influência da literatura na identidade social, cultural ou pessoal dos indivíduos, por esses motivos a crítica feminista teve grande repercussão identificando as possibilidades de mudança e transformação da condição feminina dentro desses termos. Uma leitura que leva a ação essa é a perspectiva da crítica feminista. Como elucida Raimunda Bedasee (2000, p., 111) “*é caracterizada por uma conexão imediata entre o texto e a visão pessoal do crítico. Esta conexão é uma das fontes de energia e poder criador*”.

Esse poder criador determina através da literatura a imagem que será reproduzida das mulheres, uma imagem com a verdadeira identidade feminina apagada pelas tradições e predominância de vontade dos homens. Mencionando os estudos feitos por Simone Beauvoir sobre a maneira de descrição das mulheres em textos masculinos pode-se identificar a presença de deturpação da imagem feminina no intuito de descaracterizar, desvirtuar, inferiorizar as mulheres, como afirma a autora: “*as imagens simplistas e redutoras da mulher a fazem aparecer, apagada, silenciosa e submissa. Enfim, a mulher apresentada pelo homem como ele deseja que ela seja.*” (BEDASEE, 2000, p., 111).

Há, também, outras teorias que além de discordarem do sistema patriarcal subentendem a mulher como um ser em construção, mais uma teoria de Simone que insinua que através da interação com a sociedade e a educação que elas recebem que possibilitam o encontro com o “*destino de mulher*” essa teoria que é, atualmente, compartilhada e defendida pelas mulheres da corrente feminista que pressupõem “*construção da mulher*”.

Pela ótica feminista, aponta-se o comportamento feminino como dependente do masculino, na questão de formação de caráter de submissão. A interceptação da voz feminina, como ser sem poder dar opinião, criado apenas para estar à mercê da vontade masculina.

A mulher que se quer ser independente será esmagada. Ser independente, ou inteligente, é não ser feminina, é trair a vocação feminina. Esta é a representação que é feita na literatura. Esse é o lugar reservado para a mulher no mundo real. Dessa forma os homens detém o saber (o poder). É preciso que se reafirme a superioridade masculina. Segundo a autora, um deus fala pela boca da personagem masculina: e esse deus é o próprio Lawrence. Ao passo que a mulher deve inclinar-se diante da divindade. Que inversão! A mulher que em épocas remotas representava o elo entre a divindade e os homens veem-se reduzida a um papel servil. (BEDASSE, 2000, p., 111)

Em outras épocas, a mulher era submetida aos homens principalmente pela composição da hierarquia que precedia os papéis masculinos e femininos, eram-se estabelecidos os devidos deveres de cada um e a mulher era posicionada sempre como inferior, tanto na política, quanto na economia, até como dona de casa, o marido sempre como o superior, o chefe, e a esposa como recatada e omissa.

Podemos declarar que a mulher era excluída da sociedade, no mundo literário em sentido de ser funcional. Isso se refere à condição feminina como um exemplo de boa mulher se for obediente, passiva e calada, sem poder de decisão.

Para alguns autores o ser feminino é “*sublime*”, tem a função de ser impecável em beleza e aparência, como um objeto, entretanto na visão da crítica feminista não é o verdadeiro dever da mulher, ela deve exercer seu papel na sociedade na cidadã e que luta pelos seus direitos, e busca o direito de igualdade

A mulher é devotamento e renúncia [...] ao mesmo tempo em que exalta a mulher ele a reduz ao seu papel de secundária, de auxiliar do homem, submissa, serva: devendo devotar-se aos filhos, ao marido, ao lar, à propriedade, à Pátria, à Igreja. Essa é a função que a burguesia reservou para ela.[...] Seja ele o modelo de objeto sexual, o da devotada à família esquecendo-se de si própria etc, etc. A literatura é uma arma eficiente na propagação de ideologias, é preciso nunca esquecer isso. Beauvoir desconstrói os modelos femininos em sua crítica feminista da literatura. A mulher aí representada pelos homens como inteligente e conseqüentemente masculinizada, ao perder a feminilidade se transforma em monstro. (BEDASSE, 2000, p., 112)

Uma das teorias que apresentam a mulher como submissa ao homem é a teoria da mulher cristã, aquela que obedece que está sujeita, a mercê da vontade do marido, considerado a “*cabeça da casa*” e este estereótipo é considerado o mais correto a ser seguido pela mulher que quer ser respeitada, nomeada de prudente e de mulher ideal.

As limitações da mulher são expostas como características de fragilidade, já que o sexo feminino é tido como sexo frágil, essas ideias são introduzidas no conteúdo literário e faz alusão à realidade, realidade essa que é dada pela influência desses textos implantados no

contexto social e cultural. No sistema patriarcal, o homem tem outra função, com características totalmente diferentes, eles carregam a liberdade, de poder, de saber, de ir e vir, simplesmente por terem nascido homens, o sexo masculino é considerado sexo forte.

Basicamente, são esses os parâmetros que tem que ser seguidos pelos homens e, principalmente, pelas mulheres. Entretanto, o modelo da sexualidade ainda determina quem pode e quem deve tomar as decisões, a liberdade sexual feminina é outra coisa que é controlada pelo objeto de idealização, a mulher tem que pertencer a um só homem na vida, a pureza e a castidade da moça, depois quando se casar tem que dedicar-se ao marido e aos filhos, como tarefa de apenas uma auxiliar, esses são objetos totalmente atribuídos à responsabilidade feminina.

A literatura propaga esses modelos e estabelece uma vocação para cada sexo. Uma das áreas que sofreram bastante impactos quanto aos estudos e críticas feministas foi à área das religiões. Por diversas vezes os parâmetros machistas e sexistas impostos pelas literaturas religiosas servem de “*instrumento*” para propagação da maneira de vivência dos indivíduos, como exemplo a Bíblia Sagrada, O Alcorão e outros livros que são considerados manuais de conduta dos adeptos a crença, compõem essa tradição de condição da mulher ser inferior ao homem e seu único futuro é referido a ser mãe. Esses comportamentos são baseados em

“conteúdos tradicionais da fé, [...] o monoteísmo, a imagem masculina da divindade, a figura submissa e virginal de Maria; as interpretações sexistas dos textos sagrados [...] ‘a natureza feminina’ que encerra as mulheres numa ‘especificidade’ em que a maternidade se torna um destino irrecusável. (ROSADO, 2001, p., 84).

É, realmente, necessário um novo conceito de liberdade para a mulher tanto na sociedade quanto na Igreja, é isso que a teoria feminista defende a mulher além de ser assemelhada ao homem agora tem que ser superiorizada, chega de ser escrava de uma geração machista, que a vê como uma simples adjutora e não como alguém que é capaz de desenvolver sua criticidade, de formar opiniões sobre temas considerados particulares à classe masculina. Outra proposta apontada na concepção de feminismo e religião é:

a afirmação da autonomia individual, que não se opõe a construção de ideais coletivos, mas ao contrário, a sustenta, leva-as ainda, à reivindicação do reconhecimento de sua condição de agentes morais, capazes de escolhas éticas em todos os campos da vida, inclusive naqueles que relativos, à sexualidade e ao controle da capacidade de conceber novos seres humanos.” (ROSADO, 2001, p., 85)

A mulher como um sujeito, com nome próprio, com cargos elevados em todas as repartições, e não como indivíduo inerente a outro, dependente. Onde eu sendo mulher, posso representar a minha classe, posso ser portadora do meu próprio discurso, posso ter a minha

versão como mulher. E onde a minha voz não é calada, mas ecoa com dignidade e respeito. Sabendo que:

Sabe-se que a mulher já foi caracterizada como *negativo, outridade, falta*. A teoria da crítica feminista inverte completamente o lugar da mulher quando a coloca no centro do compasso para, a partir daí, desenhar o círculo. Ela é o centro das considerações, o seu universo, as mulheres escrevem, as personagens e a crítica que é feita pelas mulheres enquanto sujeitos. Não é cotejada sequer com o pensamento masculino: o ponto de partida é *ela*. Assim como o é de suas teorias, dos cânones, dos críticos aclamados, porque a mulher conhece melhor o seu universo e melhor saberá estudá-lo, criticá-lo, analisa-lo. Não se procura mais o “herói do romance”, mas a sua heroína. A ligação com a experiência e com o real é inevitável. A mulher retrata seu universo, a construção das personagens reflete a cotidianidade, a falta de liberdade, a submissão, a revolta: a mulher retrata o seu mundo denunciando e reagindo contra as injustiças. (BEDASEE, 2000, p., 113)

O foco do trabalho da crítica feminina na literatura é este, o intuito de transformar, de reestabelecer os direitos, o respeito, digamos a voz da mulher. Do literário para o real. É uma luta diária, mas que vem conquistando seu devido espaço no contexto social. Essa condição de identidade da mulher é de extrema importância, deixar em aberto totalmente disponível a elas o lugar que querem ocupar. Os paradigmas estão sendo quebrados e a mudança é necessária em todos os aspectos, a revolta, a denúncia dos abusos e fatos ocorridos tem que fazer parte da consciência de todas.

A coerência de Simone de Beauvoir é uma dos pontos mais percussores da teoria crítica feminina, ela reduz a nada todas as justificativas que levavam a sociedade a ver a mulher como inferior ao homem. A visão feminina sobre os fatos escritos ou lidos é o objetivo proveniente desta análise.

Em meios onde o homem é enaltecido pela sociedade e tenta se sobressair em tudo, ler como homem era considerado a forma correta, porém essa concepção é contrariada e desobedecia seguindo a ordem feminista, pois o movimento das mulheres provou que a capacidade feminina de percepção é nata. E diante da *mulher fictícia* foi-se estabelecendo a *mulher real*, portanto todo o universo masculinizado deve ser recriado pela mulher para o universo feminino.

Vale salientar que a obra também recebeu críticas, por questões que extremismo da parte da autora que consideravelmente problematiza e atribui as noções de feminilidade diante da sexualidade ao abuso do machismo. Principalmente, na parte econômica e trabalhista o preconceito é visível e a literatura tem a arma para combater essas ações, proporcionando novas ideias e demonstrando a verdadeira função das mulheres em relação ao comportamento da sexualidade nos âmbitos familiares, matrimonial, nos fazendo enxergar onde está estampado ou embutido esse preconceito.

Agora, pois vamos comentar as funções que uma obra precisa para ser inserida no movimento feminista, segundo Bedasee (2000) em primeiro lugar a obra deve abrir espaço para discussão das mulheres, deve também colaborar para a androgenia cultural ser proliferada, pois isso significa que as literaturas nem seriam femininas nem masculinas.

Em segundo plano essas literaturas devem organizar os modelos de papéis representativos, ou seja, ordená-los. Ainda tem que favorecer a “*sororidade*” que é uma aliança feminina com base no companheirismo em que as participantes estão focadas em um só objetivo. E a função mais importante de todas é a nutrição da ideia de conscientização por parte dos leitores. Outras particularidades da obra denominada feminista são: a identificação do desejo de oprimir as mulheres, e a presença das qualidades do ser humano e seu valor, visto como principal fonte de formações de ideias e opiniões de acordo com suas experiências vividas.

A participação da mulher na arte é fundamental para a sua aparição e evidência na sociedade. A partir dessa perspectiva a mulher passa a ser a personagem principal das obras, pois ela agora é o centro, a fonte da inspiração, tudo está inserido no seu universo feminino.

Não mais o homem como o grande herói da história, o guerreiro forte e invencível, mas sim a mulher, como a grande heroína o mito da sua trajetória como mulher que vivencia as diversas fases da vida e perpassa vitoriosa por todas elas. Fases essas que são a puberdade na adolescência, a sexualidade gerando a construção de sua personalidade, o casamento que tem a grande responsabilidade de ser a mulher ideal para o seu marido, administradora dos afazeres domésticos e a fase da maternidade no sentido de ser mãe, como protetora e cuidadora dos filhos.

Mas será esse realmente o mito da heroína, reservado à mulher? A protagonista da sua própria história deve ser reconhecida não apenas por esses fatos, mas sim como defensora dos seus direitos, como lutadora diante de uma sociedade que a oprime e a menospreza. A mulher que conquistou e garantiu seu espaço na sociedade. Quase nunca à identidade política da mulher como cidadã é destacada, como um ser que produz sua própria cultura, e não como vítima da cultura defasada.

Além de escrever, de ser personagem e fazer parte da temática a mulher tem sim à capacidade de analisar as obras de acordo com suas experiências, julgar a obra de acordo com a sua feminilidade:

A mulher se torna o tema privilegiado da crítica literária feminista. A crítica ou leitora verá a mulher e a analisará de acordo com a sua vivência como mulher e não como determinado autor a sugere ou representa, ou seja, representando-a não como ela é, mas como ele, homem, a vê. (BEDASEE 2000, p., 118)

O ser crítico é intrínseco, pois para se tornar um bom leitor e analisador da obra deve-se manter um caráter de julgamento, não de aceitação, mas de inquietação diante das opiniões preconceituosas. Ele deve se recusar a aceitar certos termos e ideologias errôneas implantados em textos literários. Falando em subjetividade, é necessário se desapropriar da feição masculina que é embutida nesses objetos, reconhecer os mitos e verdades que enveredam um discurso.

Em primeiro lugar o comentário. Suponho, mas sem ter muita certeza, que não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina ver algo como um segredo, ou uma riqueza. Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamentos entre os discursos. (FOUCAULT, 1996, p. 22)

Agir como Simone Beauvoir, que se desapropriou das influências dos discursos masculinizados e tomou para si seus próprios elementos como base, corrigindo as falhas preconceituosas e exageros dessa literatura. Invertendo os papéis negativos e inferiores atribuídos a mulher e reposicionando-a com valor merecido de heroína, papéis esses que são na maioria das vezes rotulados e aceitos pelas próprias mulheres, verdade essa que está fundamentada e encoberta na concepção de idealização da mulher.

A teoria sexista é responsável por discriminar, determinar o que se pode ou não fazer de acordo com seu sexo, seja ele feminino ou masculino. Reconhecer essa ideologia que é vista como verdade pelo meio social é uma tarefa possível pela análise crítica e reconhecimento dessas ações, que fazem a divisão do que é lícito e abominável perante o contexto social em que estamos encaixados.

A descrição dos fatos na maioria das vezes é feita pela ótica masculina, em outras épocas eles eram nossos “*porta-vozes*” justamente pelo fato de as nossas vozes femininas eram caladas e isso nos faz acreditar que as coisas corretas permeiam nessas “*verdades universais*”, que muitas vezes desacreditaram ou simplesmente sufocaram a opinião feminina. Prenderam esses pensamentos em paradigmas que refrearam o poder de transformação que tem essa função.

O questionamento é o grande desafio dos estudos de cunho feminista, sendo eles apresentados constantemente em todos os lugares, pois a nossa sociedade tem muito que descobrir, isto é, fugir das tradições dando espaço ao novo. Se distanciar de certos princípios antiquados, evoluir.

O feminismo quer ser bem mais que uma perspectiva. É, em suma, uma nova abordagem, relevante, para ser usada por estudantes entediados com abordagens tradicionais. A consequência que pode ocorrer, (vários estudiosos acadêmicos já tiveram a experiência) é a de mulheres se tornarem feministas ao descobrir, depois de fazer uma *leitura como mulher*, a situação de opressão em que se encontram. (BEDASEE, 2000, p., 120)

Os princípios literários são baseados em toda história masculina, de fato toda obra literária é “*marcada pelo gênero*” seja ele qual for, até a maneira de escrever é patenteada. Para ser rotulada de boa, a literatura tem que ser escrita por um homem, está contido o preconceito, visto que, para alguns escritores machistas as mulheres tem a obrigação de imitar os vícios considerados fundamentais masculinos para serem reconhecidas como boas escritoras.

Depois de muitas lutas e recebidos muitos apontamentos negativos e positivos a crítica feminista escancarou uma porta para a mulher como autoridade crítica e instalou seu sexo feminino com objeto de estudo e análise. Possibilitando, assim, uma nova categoria, uma “*revolução intelectual*”, com novos ares e disponibilizando novas teorias modernas.

Assim como elucida a autora em seu texto sobre o impacto do feminismo nas religiões: “*Interrogando a historiografa existente, o silêncio sobre o protagonismo feminino e enfrentando a dificuldade nas fontes, historiadoras da religião têm buscado escrever outra história, em que fatos, personagens, processos são moldados pelas relações estabelecidas entre os sexos.*” (ROSADO, 2001, p., 94-95)

Em resumo, a crítica, para fazer crítica feminina, deve dirigir o olhar de um lugar específico: o lugar da mulher. Ela não pode esquecer a sua condição, que decorre do seu sexo e do lugar que ocupa na sociedade, que não lhe possibilita nem o acesso devido ao espaço público, nem consequentemente, ser tão ativa politicamente quanto tem a capacidade de ser. Quanto à localização no tempo em que vive poderia ser considerada idêntica a do homem? O progresso da humanidade é o seu progresso? Ela contribuiu tanto quanto gostaria para se sentir realmente enquadrada no “tempo” do universo? Se a resposta é não, então a mulher seguramente se situa de modo diferente neste tempo e isso deve ser considerado quando faz crítica literária. (BEDASEE, 2000, p., 122)

É importante dizer que a mulher tem que ser ativa na sociedade, independentemente da opinião favorável ou não dos homens, no conceito de situar-se mulher livre, independente, completa, decidida, com vontade soberana e autossuficiente. E não precisar de pontes para conseguir se sobressair dos homens. Abram-se as portas do conhecimento, do saber, do poder de ser quem é de verdade.

E, finalmente, qual é a motivação de fazer crítica literária? A que ponto se pretende chegar com isso? É mudar o rumo das experiências das mulheres vividas por essas mulheres que sofreram preconceitos, repressão, e direcioná-los ao estudo e funcionamento da razão, razão essa que fará com que as coisas mudem de curso e que o discurso proferido também

seja diferenciado. A racionalidade que propõe o fim desta ideologia de sexo frágil, da condição de inferioridade da mulher, que rompa as barreiras de lugar, de culturas, línguas e etnias.

Estamos incondicionalmente em busca da verdade, sendo assim, o que será determinado como verdade? Tornar-se-ão obrigatórios esses novos conceitos e discursos? A proposta não é essa, tudo será examinado de acordo com o contexto, e as possibilidades de novas análises surgirão.

Portanto, a teoria feminista de Simone de Beauvoir tem como objetividade reverter o universo inteiramente masculino imparcial e compacto para as mulheres em simplesmente um universo real definido para elas, com elas em seu lugar de posse.

É justamente um conceito moderno ser interdisciplinar, aquele que escolhe o que parece melhor para todos os pensamentos é o que aparenta ser mais sábio e prudente. O eu feminino, ou ainda o discurso feminino, como o principal produto de sua literatura individual, e ao mesmo tempo coletiva, transfigurando essa imagem inapropriada da mulher para uma imagem de respeito e dignidade mais que merecida a ela, pois entendemos que a o poder do discurso feminino nesta literatura vem alcançando o seu devido espaço.

Este discurso é a verbalização da realidade na qual estamos inseridos, o ato do discurso feminino neste contexto traz a enunciação, ou seja, a declaração do que se precisa dizer sobre o mundo, de uma maneira organizada e compreensível, que ecoa com a voz da mulher nesta análise. Esse discurso tanto feminino, quanto masculino têm a força de produzir ou reproduzir ideologias e pensamentos que podem se materializar na medida em que são aplicados. Na perspectiva Foucaultiana do poder, pois:

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo. (FOUCAULT, 1996, pág. 10-11)

Assim como o filósofo, Michel Foucault, afirmou acima o discurso é pelo que se luta, exatamente por isso que as mulheres têm intensificado a sua peleja para alcançar seu devido lugar, não apenas na literatura, mas em todos os aspectos sociais. O apoderar-se que ele cita nos traz a memória à voz da mulher que por muito tempo foi calada e que agora tem a chance de ecoar com som de liberdade pela sociedade.

4 SÍMBOLOS NEOCRISTÃOS

Nesta análise iremos ver os símbolos encontrados na obra “*A senhora da Magia*” que faz parte da história das “*Brumas de Avalon*” de Marion Zimmer Bradley, a obra conta a lenda do Ciclo Arturiano e seus cavaleiros da tábua redonda em uma perspectiva diferente. A recriação da história é narrada por mulheres, e elas são as personagens centrais da obra.

Essa narrativa, representa a sociedade medieval dominada pela cultura céltica e apresentam aspectos míticos e também símbolos da cultura pagã e cristã. A obra ainda evidencia a prática da magia, que é dada pelas feiticeiras e sacerdotisas que representam à deusa mãe-natureza, com poderes místicos em funcionamento de suas ações reais e fantasias.

A imagem dessas mulheres representa a mulher bruxa que diversas vezes foram julgadas e condenadas pela Inquisição. Os conceitos, e a utilização de símbolos, imagens encontradas nesta literatura serão aprofundados na perspectiva de alguns autores, que executaram estudo sobre a influência desses símbolos na cultura de um determinado povo.

Há “*uma relação entre o símbolo e o mundo imaginário*” (GIRARD, 1997, p., 25). A representação de algum significado é colocada em um símbolo, como exemplo uma bandeira, que simboliza os ideais de um país, ou a pomba branca como símbolo mundial da paz. Nesta categoria vamos ver os símbolos místicos e religiosos.

Sendo assim, quando se citamos símbolos e imagens se referimos ao mundo imaginário, pois elas fazem alusão a informações e experiências visuais que tivemos anteriormente e essas experiências são consideradas individuais, logo que, a imagem que representa um objeto para uma pessoa não é identificada do mesmo modo por outra. Para Laplantine & Trindade (1997) as imagens são criadas como parte do ato de penas que se constituem a partir de como vemos as coisas ao nosso redor.

E Jung (2002) também afirma que além das memórias pessoais, temos também as possibilidades herdadas da nossa imaginação humana. Essa memória inata constitui as ideias mitológicas e universais que ele chama de arquétipos. Nossa mente cuida em armazenar essas informações através de imagens.

A personagem Morgana usa de muitos símbolos na obra para dar ênfase ao seu trabalho de magia, essas imagens são concedidas pela Deusa quando a personagem entra em meditação, ela diz: “*Durante todo aquele dia, em silêncio ela trabalhou, olhando o cálice, deixando as imagens surgirem, parando de vez em quando para esperar a inspiração que lhe vinha da meditação [...] signo, sobre signo e símbolo sobre símbolo [...] símbolos entrelaçados*”. (BRADLEY, 1989, p., 245)

Abaixo iremos distinguir os símbolos enfatizados na obra, alguns intitulados símbolos neopagãos nas perspectivas dos simbologistas Jean Cirlot e Jean Chevalier e Alian Gheerbrant que fazem abordagens destas representações, são eles: o dragão; a bruma; a cruz; a espada; o lago; e o arquétipo da grande Deusa em uma perspectiva de análise em conjunto da obra, assim, discorreremos:

4.1 Dragão

O dragão é um símbolo que remete a uma figura universal de animais pré-históricos, visto na maioria das vezes como “adversário”. Para Cirlot (2005, p., 213) “*inimigo primordial, animal fabuloso [...] agressivos e perigosos*” é conhecido e representado mundialmente em diversas crenças e culturas, como se trata de um símbolo universal o dragão tem múltiplas faces de significado, entretanto, para Chevalier & Gheerbrant (2009, p., 349) “*o dragão aparece essencialmente como um guardião severo ou como um símbolo do mal e das tendências demoníacas*”.

Mencionado na obra como um tipo de sobrenome que se refere à Uther Pendragon marido de Igraine e pai do rei Artur, Pendragon que segundo a obra relata ser um atributo que pertence ao personagem, Gorlois afirma na obra que Uther: “*Ele tem o título de pendragon, ou dragão maior, de acordo com o estandarte que carrega, e no Norte há um ritual supersticioso sobre dragões e reis*” (BRADLEY, 1989, p., 82)

O símbolo do dragão como animal movido pelo instinto é estampado nos estandartes como símbolo de rival primitivo, e a luta contra ele é outra representação de resistência e coragem, como afirma Cirlot (2005, p., 213) “*pode aparecer entronizado e quase deificado; aparece assim no estandarte chinês da dinastia Manchu, no fenício e no saxão [...] combatê-lo constitui a prova por excelência*”.

Inúmeras narrativas míticas que colocam o dragão como forma de inimigo, assim como São Jorge, Perseu, o arcanjo Miguel entre outros, nos textos bíblicos, especificamente em Apocalipse se enfatiza o “*dragão com muitas cabeças*”, então podemos perceber que são muitos os significados deste ícone mítico.

Na obra As Brumas de Avalon, o dragão está tatuado no braço de Uther e no estandarte que ele carrega, formando, assim, um emblema, portanto possui a sua particularidade. A personagem, Igraine, faz uma comparação ao dragão dizendo que também representa conhecimento assim como a serpente, e é um signo druida, e elucida a importância desses símbolos para uma representação, um emblema para o povo reconhecer o poder do rei.

O personagem Gorlois que é marido de Igraine trata com repulsa a questão dos símbolos, achando desnecessário, como aponta o diálogo do casal no livro:

O dragão é o mesmo que a serpente- explicou Igraine. – Um símbolo de sabedoria, um símbolo druida. [...] Mas nem todos estão preparados para os mistérios superiores [...] Os homens sábios reconhecem que os símbolos não são necessários, mas o povo do campo precisa de seus dragões alados para um rei, tal como necessitam das fogueiras de Beltane e do Grande Casamento, quando o rei é casado com a terra... – Tais coisas são proibidas a um cristão – protestou Gorlois austeramente- O apóstolo disse que apenas um nome sob os céus pelo qual podemos ser salvos, e todos esses símbolos e signos são maléficos [...] (BRADLEY, 1989, p., 82).

Na perspectiva da religião céltica os símbolos tem muita relevância, logo que os sacerdotes druidas, considerados um “*reflexo da sociedade divina*”, fazem alusão a artes e cultura com a presença desses signos como animais: dragão, a serpente e outros.

A palavra **druida**, de acordo com o dicionário de símbolos de Chevalier & Gheerbrant (2009, p., 352), significa “*o nome do druida é etimologicamente, o da ciência, os muitos sábios*”, e na semântica está relacionado com árvore que é retrato da “*sabedoria e à força*”, desde modo o símbolo do dragão na obra está relacionado ainda à cultura chinesa e a céltica que atribui ao dragão às qualidades de representação de “*potência celeste, criadora, ordenadora [...] o símbolo do imperador, [...] simboliza assim as funções régias e os ritmos da vida que garantem a ordem e a prosperidade.*”

Quando este símbolo aparece no estandarte de Uther Pendragon, faz alusão ao poder e a prosperidade de um futuro rei, ou seja, a face do imperador, já que Uther se tornará o futuro rei da Bretanha e pai do Rei Artur. A estampa do dragão carregava em o peso do nome de Uther, assim como ele carregava o desenho do dragão em seu braço, “*o andar do dragão é o porte majestoso do chefe*” p.350, afirma Chevalier & Gheerbrant (2009). O andar de majestade do Grande rei Uther e o andar do dragão com autoridade trazem a personificação do contexto narrativo de que o dragão simboliza a realeza, grande Rei, grande dragão.

4.2 Bruma

O símbolo da Bruma é um dos principais da obra, a palavra bruma é sinônima de nevoeiro, que por sua vez, é símbolo do indeterminado, isto é, uma fase de transição que ainda não se distinguiu.

Para Chevalier & Gheerbrant (2009) esse conceito de bruma revela “*o período transitório entre dois estados*” e ainda precede as “*revelações importantes; é o prelúdio da manifestação*” p. 634. No livro a senhora da Magia, as brumas são o segredo que envolve

Avalon, são como portais que dividem o mundo real, no caso sendo a Bretanha, do mundo da Magia a ilha sagrada, sendo possível se perder entre eles e nunca mais achar a passagem de volta para casa. Como elucida a personagem Morgana ao descrever a entrada para o mundo de Avalon.

Pois como disse, o próprio mundo mudou. Houve um tempo em que um viajante se tivesse disposição e conhecesse apenas uns poucos segredos, poderia levar a barca para fora, penetrar o mar do Verão e chegar ao Glastonbury dos monges, mas à ilha sagrada de Avallon; isso porque, em tal época, os portões entre os mundos vagavam com as brumas, e estavam aberto, um após o outro, ao capricho e ao desejo do viajante. Esse é o grande segredo, conhecido de todos os homens cultos de nossa época: pelo pensamento criamos o mundo que nos cerca, novo a cada dia.

E agora os padres, acreditando que isso interfere no poder do seu deus, que criou o mundo de uma vez por todas, para ser imutável, fecharam os portões (que nunca foram portões, exceto na mente dos homens), e os caminhos só levam as ilhas dos padres, que eles protegem com o som dos sinos de suas igrejas, afastando todos os pensamentos de outro mundo que viva nas trevas. Na verdade, dizem eles, se aquele mundo algum dia existiu, era propriedade de Satã [...] (BRADLEY, 1989, p.,10)

A névoa, ou bruma intitula a obra “As Brumas de Avalon” conceito de relevância desta imagem que representa segundo Cirlot (2005) a dissolução dos elementos ar e água, ou seja, uma concentração dos dois elementos, como já foi dito, o símbolo do indeterminado, do misterioso, o que não se vê claramente. As brumas que envolvem a ilha de Avalon são retrato da divisão dos dois mundos, ou seja, o mistério que cerca o mundo onde a grande Mãe governa, e separa do mundo onde o único Deus governa.

Para Chevalier & Gheerbrant (2009, p., 634) a névoa “*é símbolo de uma fase de evolução: quando as formas não se distinguem ainda, ou quando as formas não se distinguem ainda, ou quando as formas antigas que estão desaparecendo ainda não foram substituídas por formas novas precisas [...] o período transitório entre dois estados.*”

Neste contexto, as brumas representam o período transitório, de um mundo para o outro, de uma crença para outra, logo que abordamos a centralização da religião celta para adesão ao cristianismo. Como afirma a personagem Morgana ao narrar a obra da A Senhora da Magia:

Houve uma época em que o povo das fadas, o povo brilhante, afastou-se de nosso mundo, penetrando cada vez mais nas névoas, de modo que só um andarilho ocasional pode hoje passar uma noite nos abrigos de duendes, e mesmo assim o tempo passa sem ele, e pode sair depois de uma única noite e constatar que seus parentes estão todos mortos e que uma dúzia de anos transcorreu. (BRADLEY, 1989, p., 25)

As brumas, também, marcam a passagem de Morgana das fadas de seu mundo de sacerdotisa, com poderes concedidos pela deusa, rituais e sacrifícios oferecidos a grande Mãe, entrando posteriormente no mundo dos humanos, pois depois que a bruxa se revolta contra

Viviane, e decide abandonar os ensinamentos, os poderes, os costumes e fica perdida entre as brumas não conseguindo retornar a Avalon.

Em Avalon não há uma transição de tempo igual ao mundo real, os dias na terra dos humanos são contados de maneira determinada, diferente do mundo fantasioso e maravilhoso que a Deusa governa, afirma Barros (1994) “*Avallon é chamada Ilha Afortunada*” p. 100, não era qualquer pessoa que podia adentrar a Ilha, por este motivo quem ousasse transitar entre os dois mundos sem um modo proposital poderia ficar perdido entre as brumas, a autora faz essa descrição minuciosa neste trecho:

Avallon é chamada Ilha afortunada, onde a comida e a bebida são inesgotáveis, simbolizada pela maçã (cujo consumo é responsável pela ciência e imortalidade), pelo vinho e hidromel. Toda vegetação é natural e as colheitas abundantes. O solo tudo produz. É como se Outro Mundo fosse um enorme caldeirão, recipiente de todas as riquezas, que quanto mais extraídas mais aparecem. Nove irmãs governam a ilha, mas há uma que sobressai pela beleza e poder, Morgana. [...] Para entrar no novo mundo era necessário ultrapassar os obstáculos. Muitos contos populares fazem menção à atmosfera sulfurosa que envolvia sua localização, ou o aspecto perigoso e sinistro que cercava sua entrada. Entretanto, o que impedia o homem de entrar no Outro Mundo era sua falta de valor, de conhecimento, de coragem. (BARROS, 1994, p., 100-101)

Nesta mesma linha de pensamentos Barros (1994) afirma que não era qualquer pessoa que podia adentrar os portais do mundo misterioso, haviam critérios para esta entrada, um motivo, principalmente em termo de crença, de atitudes de posicionamento, tem que acreditar que existe, que é real. Esta vontade de conhecer o Outro mundo perpassa o imaginário, que vai além das descrições literárias, da idealização e do desejo de conhecer o desconhecido, o oculto, aquilo que não é permitido e é tão contrariado por culturas manipuladoras e religiosas. A necessidade da humanidade de se aproximar do mundo espiritual, de ter a possibilidade de conhecer o sobrenatural.

4.3 A cruz

O símbolo da cruz é considerado universal, há muitas aplicações de significado e diversos tipos de cruz, nesta obra vamos analisar a cruz com um retrato neopagão, para Cirlot (2005, p., 195) o símbolo da cruz é diretamente ligado ao cristianismo, “*a cruz situada no centro místico do cosmo, é a ponte ou escada pelas quais pode-se subir a Deus. [...] é uma conjunção de contrários, em que se casam o princípio espiritual e vertical com ordem de manifestação e da terra*”.

Em A Senhora da Magia, a cruz aparece como o símbolo de Cristo, pois a obra apresenta características da entrada do cristianismo, que era atribuída como uma religião que

os homens predominavam, diferentemente da religião céltica a qual as mulheres eram autônomas, circulavam abertamente e demonstravam dons e proezas da magia, chamadas sacerdotisas, ou fadas.

As mulheres eram o centro desta doutrina, logo que a divindade desta crença é a Deusa, a Grande Mãe. Com a chegada do cristianismo vieram também às muitas leis do livro sagrado, a Bíblia, e as pessoas tinha que se restringirem as ordens.

Para Chevalier & Gheerbrant (2009) a cruz é um dos símbolos mais antigos e ela aponta para os quatro pontos cardeais, é base de todos os símbolos de orientação, nos diversos níveis de existência da humanidade. Neste símbolo unem-se o céu e a terra, na cruz se misturam o tempo e o espaço, ela é a ligação da terra com o cosmo. A cruz é a *ponte*, ou *escada de mão* pela qual os homens chegam até Deus.

A tradição cristã enriqueceu prodigiosamente o simbolismo da cruz, condensando nessa imagem a história da salvação e a paixão do Salvador. A cruz simboliza o Crucificado, o Cristo, O Salvador, o Verbo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Ela é mais que uma figura de Jesus, ela se identifica com sua história humana, com a sua pessoa. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p., 310).

Havia uma profecia escrita e contextualizada na narrativa que diz que um dia viria um Rei que uniria essas duas divindades iriam ser uma só, ou seja, a Deusa e o Cristo seriam adorados em uma só religião, que finalmente acabariam as dissensões entre a cruz e o caldeirão, que é considerado um dos símbolos da magia e feitiçaria.

Em alguns momentos da obra, é possível perceber a guerra de doutrinas, as diferenças de crenças e leis entre as religiões céltica e cristã. A mais nítida de todas é a mulher como divindade, e sacerdotisas e a outra com um homem como Deus e sacerdotes homens a seu comando.

A personagem Viviane a dama do Lago afirma: *“Unidos por este Grande Rei- a voz dela adquiriu o tom claro e mítico da profecia- “os mundos voltarão a se juntar, um mundo com lugar para a Deusa e para Cristo, para o caldeirão e a cruz”. E esse líder nos unificará”*. (BRADLEY, 1989, p., 27).

Os hábitos e costumes das religiões eram totalmente divergentes, por este motivo havia dúvidas e questionamentos entre os devotos de cada uma, quem adorava a Deusa questionava as práticas dos cristãos, do mesmo modo quem adorava e seguia os preceitos de Cristo ignorava as práticas pagãs de idolatria a outros deuses e criaturas da terra. Morgana diz que durante a celebração da Santa Missa: *“A benção terminou; o padre e seus diáconos afastaram-se, levando a grande cruz e o Livro Sagrado”*. (BRADLEY, 1989, p., 28).

Os sacerdotes tinham o costume de carregar o Evangelho e a cruz como estandarte, a representação do Sagrado em defesa contra o mal, muitas vezes o evangelho é comparado a espada aguda, por este motivo Cirlot (2005, p.195) ainda afirma que: “*a determinação mais geral da cruz em resumo, é a de conjunção de contrários [...] a vida e a morte [...] a cruz é a antítese da serpente ou dragão*”. Por isso, há dizeres populares que se referem “entre a cruz e a espada”. A cruz como símbolo que pode banir o mal, que pode derrotar a serpente e o dragão pode ser derrotado a fio da espada.

A obra ainda fala de um símbolo colocado na bainha da espada de Artur que era uma espécie de relação entre o cristianismo e o druidismo, “*a cruz dentro do círculo com três asas*” (BRADLEY, 1989, p., 245), simbolizando o ícone neopagão nesta união entre as duas religiões representadas na guerra.

4.4 A espada

O símbolo da espada tem vários significados, por ser um ícone utilizado em várias culturas e crenças a espada tem múltiplos contextos de representação. Nesta análise, vamos contextualizar os elementos simbólicos em que espada aparece na obra, principalmente em relação à espada Excalibur, que foi forjada pelas mãos e magia da personagem Morgana, a qual sendo mulher fada torna-se guerreira em termos de magia em defesa de Avalon.

Considerando os estudos de Cirlot (2005, p., 238) “*Composta essencialmente de lâmina e guarda, é um símbolo de conjunção [...] principalmente quando adota a forma de cruz, [...] como símbolo religioso, ainda faz parte do traje cerimonial dos bispos orientais. [...] símbolo do extermínio físico e de decisão psíquica*” em outros contextos históricos, e religiosos como no cristianismo a espada intitula-se a personificação do *espírito ou da palavra de Deus*, no Apocalipse é nomeada *espada aguda de dois gumes*, representando verbo que é a palavra. E, ainda, recebe um nome próprio *como se tratasse de um ser vivo*, ou seja o nome dá a espada uma identidade, uma marca, vista ainda como ícone da *purificação* quando é forjada nas chamas do fogo. “*A espada é a arma própria e quase exclusiva das altas dignidades.*” p 238.

Na narrativa de As Brumas de Avalon a espada é o símbolo do ciclo arturiano, pois estamos falando dos cavaleiros da tábua redonda e do grande Rei Artur, conhecido mundialmente pelas suas histórias como guerreiro empunhando a espada Excalibur. Chevalier & Gheerbrant (2009, p., 392) elucidam em seu dicionário de símbolos que a espada é ícone de *bravura, poderio, domínio* este que tem duplicidade, “*o destruidor e o construtor*”, no

sentido de aplicar-se contra a injustiça, tornando-se positivo, e na razão de estabelecer a paz e a justiça, separando o bem do mal, golpeia com a espada o culpado.

O guerreiro e herói bretão Artur foi escolhido para portar a espada que foi forjada no fogo e na magia, neste sentido a espada representa a *guerra, a luz e o relâmpago*, juntamente com sua espada tinha a bainha, que simboliza a necessidade a obscuridade, conta-se a lenda *Sadet do Fogo* que a espada não pode ser tirada da bainha por um profano. Afirma Chevalier & Gheerbrant (2009),

Na China a espada é símbolo do poder imperial, era a arma de centro; entre os citas, o eixo do mundo e a atividade celeste eram representados por uma espada fincada no cume de uma montanha. [...] a espada relaciona-se também à razão, que reúne a um só tempo os dois atributos de bondade e de poder: pela razão, Deus é generoso e soberano ao mesmo tempo. [...] Nas tradições cristãs, a espada é uma arma nobre que pertence aos cavaleiros e aos heróis cristãos. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p., 392-393)

Conta-se na narrativa que *Excalibur* significa “*aço cortado*” a espada que seria concedida a Artur era uma arma poderosa, resistente, foi forjada no sangue e no fogo, era muito valiosa, gerada dos ferros de meteoritos raros. Acompanhava a espada uma bainha que foi feita pelas mãos de Morgana com conjuração de encantamentos, ela trabalhou durante três dias na produção do estojo que guardaria a espada. Para que fosse protegida pela magia que a envolvera a bainha era feita de veludo vermelho, e couro de gamo, que é representação do Rei juntamente com os quatro elementos mágicos, *da terra, ar, água e fogo*.

Morgana invocava a Deusa e fez um bordado de formato da lua de cornos, para que a divindade vigiasse sempre o rei, livrando o sangue dele durante o combate, já que ele descendia de Avalon. Os símbolos que havia estampados no veludo tinham vindo propriamente da Deusa, estavam eles entrelaçados de forma significativa. Quando ficou pronta Morgana apresentou a Viviane que também era sacerdotisa, ela admirou-se da formosura da bainha.

Pelas mãos da Senhora do Lago, foi entregue a Artur Excalibur a “*espada trabalhada e temperada em sangue e fogo, endurecida, uma espada três vezes forjada, nunca arrancada do ventre da terra e por isso duas vezes sagrada*” (BRADLEY, 1989, p., 247). Artur que seria Rei da Bretanha teria que governar numa terra cristã, sabendo estabelecer aliança de paz entre os druidas e cristãos.

A Grã-sacerdotisa explicou-lhe tamanha responsabilidade que carregaria ao empunhar a espada, quão grande é o poder que detinha e o propôs jurar justiça para os dois povos, que ouviria e seria honrador de todos que merecessem que não haveria aceção.

Então se Artur jurasse, com aquela espada não haveria quem, por rei que fosse que pudesse o refrear, porém se não aceitasse o juramento seria desamparado pelos deuses e faria seu reinado apenas com seu próprio nome. Artur desestabilizado pede orientação a Merlin, o druida que sempre o acompanhara.

- Deus me proíba de desprezar... - e parou engolindo em seco, - o que devo jurar, Senhora?- Apenas isto: tratar com justiça a todos os homens, quer que sigam ou não o Deus dos cristãos, e reverenciar sempre os deuses de Avalon. Pois não importa o que os cristãos disserem, Artur Pendragon, e qualquer que seja o nome dado ao seu Deus, todos os deuses são um deus, e todas as deusas são apenas uma deusa. Jurai apenas ser fiel a essa verdade, e não preferir um e desprezar o outro. [...] – Então eu juro, e levo a espada. (BRADLEY, 1989, p., 252-253).

Ajoelhou-se perante a Senhora do Lago e recebeu a espada juntamente com a bainha envolvida com a magia e encantamentos de sangue e de Avalon, para que o sangue do Rei fosse poupado e carregou-a consigo, prometendo fazer justiça. Aplicando-se aqui o sentido da espada ser destruidora da injustiça e construtora da justiça. A espada dá porte e majestade a quem carrega, é um símbolo único para autoridades.

4.5 O símbolo do Lago e a Dama do Lago

De acordo com o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2009, p., 533) o lago representa *o olho da Terra por onde os habitantes do mundo subterrâneo podem ver os homens, [...] um afloramento do Oceano primordial, mãe de todos os deuses, dando vida aos humanos, a garantia da existência da fecundidade.*

Este símbolo é um dos que estão presente na obra que se acompanha a figura feminina da Dama do Lago, ou Senhora do Lago como é conhecida a personagem Viviane nesta obra de A Senhora da Magia. Na perspectiva de Cirlot (2005, p., 333) “*a figura esquemática do lago expressa o escondido e misterioso [...] Por outro lado o lago, ou melhor, a mera superfície de suas águas, tem o significado de espelho, de imagem de auto-contemplação, de consciência e revelação.*”.

A figura da Dama do Lago aparece na obra representada pela imagem de Viviane e, logo após por Morgana, que também ocupa o lugar como sacerdotisa quando vai servir a Deusa em Avalon. Tratando-se da simbologia o lago até então pode ser assimilado “*a moradas dos deuses ou palácios subterrâneos de onde surgem fadas e feiticeiras, ninfas e sereias, mas que atraem os humanos igualmente para morte*”, como diz os estudos sobre os símbolos de Chevalier & Gheergrnt (2009, p., 533). Quando a Dama do Lago surge sobre as

águas em um barco pode se certificar que o signo citado acima tem sua semelhança neste contexto.

Sua imagem é semelhante a uma sacerdotisa, que carrega mantos sobre si, porém em outras cenas ela aparece com tom de realeza quando se veste para ocasiões especiais, na narrativa ela é descrita como pequena morena e com o rosto brilhante, tem aparência de menina, mas, grande em poder e sabedoria. A fala de Morgana expressa:

“[...] pois Viviane estava tão ricamente vestida, quanto Igraine, ou qualquer das rainhas do Norte. – Não, Morgana, ela não era rainha, mas uma grande sacerdotisa, a Senhora do Lago; e eu sou a Senhora de Avalon substituindo-a. Algum dia você talvez venha a ser também uma sacerdotisa, pois tem o velho sangue...”
(BRADLEY, 1989, p., 143)

O lago, era o que separava os dois mundos entre as brumas, já que era uma Ilha, Avalon era cercada de águas e é possível confirmar que as águas envoltas da ilha tem um significado, pois a Dama surge do lago, e adentra o outro mundo, o mundo real, e quando retorna a sua Ilha em um barco flutuante sobre a água assume seu lugar de Grã-sacerdotisa e Senhora de Avalon, representante da deusa.

Representante esta que poderia ser substituída por alguém do mesmo sangue, isto é, da mesma linhagem que fosse escolhida pela deusa e tivesse o dom da visão. Assim como Viviane, a sua mãe também foi sacerdotisa e agora sua sobrinha, Morgana, assumiria o seu lugar.

Este retrato e o mistério da Dama do Lago podem ser testemunhados pela autora Martha Robles que narra em seu livro “*Mulheres, mitos e deusas*” a descrição de uma aparição mítica da sacerdotisa ao lado de Merlin em um capítulo do livro, a autora ainda aponta o enigma considerado um dos mistérios que ligam a mulher ao Lago, e suas visões em outras histórias, Robles diz:

A dama do Lago, por sua vez, é uma das mais misteriosas e inexplicáveis damas feéricas do ciclo de lendas arturianas”[...]. A Dama do Lago, naquela versão, aparece como uma donzela aquática, semelhante à Gwraedd Annwn, que reinava em uma ilha habitada por donzelas situada no coração de um lago encantado, onde o inverno não chegava nunca e não se conhecia a dor.[...] A Dama do Lago vai e vem sem ordem nem coerência através dos distintos episódios das lendas arturianas[...] mas desde logo se destaca Artur montado em seu corcel branco, seguido do escudeiro que lhe transporta a armadura e a mística espada que a Dama do Lago forjou e batizou de Excalibur. A tudo acompanha a música das fadas; porém, se algum atrevido ousa enfrentar a guarda, descobre que, bem no interior, aguarda de pé a Dama do Lago, com os braços estendidos, trazendo uma espada na mão direita e um antigo turíbulo na mão esquerda. Os que a viram asseguraram que seu vestido ondula como as águas e que gotinhas muito suaves de chuva escorrem de seus dedos, os quais ela deixa em liberdade para que possam se mover com a brisa. Contempla a distância bem de frente, com seus olhos cinzentos irresistíveis e enormes, da mesma cor das torres e da água profunda, e faz retroceder os malfeitores quando, ao toparem com ela, um sobressalto no

coração lhes avisa que já roçaram a margem proscrita. (ROBLES, 2006, p. 235-238)

No livro *A Senhora da Magia* a imagem do lago está relacionado à pessoa de Viviane, como já foi mencionado, juntamente a Morgana que também passeava entre as brumas dentro do barco para fazer os mandados de sua tia Viviane, seria ela a futura Dama, o fato de o lago representar morada dos deuses enfatiza a pessoa da deusa que era representada pela Senhora do Lago, e semelhantemente a Morgana das fadas que sendo fada simboliza que dentre as águas dos lagos se originam as divindades, portanto, assim como os autores citaram as águas do lago nesta narrativa escondem esses elementos míticos.

5 ARQUÉTIPO DA DEUSA “GRANDE MÃE”

A *senhora da Magia*, de Marion Zimmer Bradley, é o primeiro livro da trilogia *as Brumas de Avalon*, considerado uma interessante fonte para quem deseja conhecer a religião e identidade da deusa- a Grande Mãe- suas tradições e costumes.

A personagem principal, Morgana, mas antes de conhecê-la passemos pela trajetória da mãe do Rei Artur- personagem conhecido mundialmente pelas lendas dos cavaleiros da *távola redonda*-, Igraine, sua mãe quem dá o ponto inicial da narrativa. As personagens principais além de Igraine são Morgana, sua filha e meia irmã de Artur, Viviane, tia de Artur, a Senhora do lago e grande sacerdotisa de Avalon. Através dessas mulheres que são peças fundamentais na obra *as Brumas de Avalon* são narradas todo o romance, contemplando e interpretando pela visão da vida a partir da ótica feminina.

A interpretação e pensamentos que dão vida e identidade a obra são de Morgana, também chamada *Morgana das Fadas*, com nome de origem celta que significa a *mulher que veio do mar*. Uma característica incrível que autora coloca na narrativa, é que há uma pausa e a voz de Morgana ecoa, ela começa o livro e encerra. “*Em vida, chamaram-me de muitas coisas: irmã, amante, sacerdotisa, maga, rainha. Na verdade, cheguei agora a ser maga, e poderá vir um tempo em que tais coisas devam ser conhecidas. Verdadeiramente, porém creio que os cristãos dirão a última palavra.*” (BRADLEY, 1989, p., 9).

As duas residiam em Tintagel no castelo, e com elas Morgause, irmã mais nova e tinha uma vida tranquila e pacata, o pai de Morgana, Gorlois era homem de guerra, porém vivia à moda de Roma, mesmo depois de Roma ter deixado a Bretanha, mesmo assim ainda guardava com temor os costumes. Ela sentia saudades de casa, da irmã mais velha que a tinha criado

como se fosse sua própria mãe, porém Viviane tinha muitas ocupações como Grã-sacerdotisa e Senhora do lago, a saída foi casar a irmã Igraine pela vontade da deusa- Viviane tinha que cumprir suas obrigações- e envia-las ainda adolescentes para mundo dos humanos.

A personagem Morgause, irmã de Igraine mais nova e tia de Morgana ajuda a irmã a cuidar de Morgana, enquanto a duquesa se ocupa nas tarefas do palácio e dá atenção ao marido quando está presente. Ela se demonstra ambiciosa, questionadora e de caráter duvidável em algumas situações.

Sua única filha Morgana é escolhida pela deusa para ser treinada por Viviane em Avalon e dar continuidade aos cargos de sacerdotisa e Senhora do lago, ela é levada, e passa muito tempo longe da mãe que por temor, devoção à deusa a entrega. Igraine tem que fazer vários sacrifícios por fidelidade a sua crença e ao seu mundo de Avalon.

A obra se inicia quando Morgana ainda é pequena, é relatada toda a passagem das fases da vida de sua mãe Igraine, filha da ilha Sagrada de Avalon, que se casou muito nova com o duque da Cornualha Gorlois e, portanto, tornou-se duquesa da Cornualha e mãe ainda na adolescência. Apesar de residir em outro mundo e se submeter aos costumes do marido Igraine carregava em si os dons e visões que trouxera de Avallon.

Morgana, também, herdou esses dons provenientes da magia que vinham de sua família da ilha sagrada de Avallon. Desde a infância muitas vezes ela escondia, pois seu pai era cristão e sua mãe muito submissa ao marido não gostava de alimentar heranças da deusa. Como narradora, ela confessa seus medos, receios e pensamentos sempre com um toque de delicadeza, no entanto sua bravura e eloquência são vistas com frequência em suas ações. Ela confessa em uma de suas falas no livro:

Ao contar esta história, falarei por vezes de coisas que ocorreram quando eu ainda era demasiado jovem para compreendê-las, ou quando não estava presente. Meu leitor fará uma pausa e dirá, talvez: “Esta é a sua magia”. Mas eu tive sempre o dom da Visão, de ver o interior da mente dos homens e mulheres: e, durante todo esse tempo, estive perto de todos. Assim, por vezes, tudo o que pensavam era do meu conhecimento, de uma forma ou de outra. Por isso, contarei esta história. (BRADLEY, 1989, p., 10-11).

Uma das loucuras que a mãe de Morgana tem que cometer, por devoção a deusa é deixar o marido duque para viver um romance ao lado do seu grande amor Uther Pendragon, futuro rei, pai de Artur, através de um encantamento feito por Viviane e Merlin- seu genitor que era um *profeta druida*- para que a religião da deusa continuasse existindo e a passagem para o outro mundo através das brumas continue se abrindo.

O personagem Merlin é apontado na obra como uns dos druidas, por causa do poder de encantamento que possuía. Na cultura céltica, eles são vistos como mestres em ciências e tem

bastante influência diante das decisões dos reis, isto é, os reis devem plena obediência aos profetas druidas. Em *A Senhora da magia* temos a ligação de Merlin com o rei Uther e futuramente com Arthur grande rei que uniu a Bretanha, demonstrando o poder, como peso de *conselheiro e orientador* do rei.

Por ser uma autoridade espiritual não está submisso à ordem alguma se assim não concordar, ele pode intervir quando desejar, pois é responsável pela relação do homem humano com os deuses embasados neste contexto. Em sua obra “*Uma luz sobre Avallon*”, sobre estudos baseados na cultura céltica Barros (1994) afirma:

A lenda arturiana, último testemunho da tradição celta, nos mostra de forma brilhante o papel da dupla inseparável nas figuras de Merlin e Uther Pendragon, posteriormente Merlin e Arthur. Merlin é o retrato vivo do druida tal qual a tradição lendária era ainda capaz de conhecer e descrever. O profeta Merlin elimina o rei Vortigem, que era um usurpador, e favorece a eleição de Uther Pendragon. Merlin passa a ser a consciência de Uther, símbolo da sociedade em sua totalidade, e seu conselheiro. É assim que, aproveitando-se da paixão de Uther por Ygreine da Cornualha, Merlin prepara a vinda do rei predestinado que será Arthur. Merlin encoraja e provoca a união de Uther e Ygreine usando de seus poderes mágicos. (BARROS, 1989, p., 67).

As escolhas e a fé dessas personagens fortalecem obra, pois há necessidade de deixar sua própria vontade e estar à mercê da vontade divina. Neste caso, a vontade da deusa tem que prevalecer não importa o que tenha que custar, mesmo que o destino seja um caminho sem volta. Igraine é, exemplo, disso quando perdeu sua juventude ao casar-se com um homem mais velho a pedido da irmã e submeter-se assim a uma realidade e cultura diferente da que estava acostumada.

Morgana afirma em sua fala: “*O mundo das fadas afasta-se cada vez mais daquele em que Cristo predomina. Nada tenho contra Cristo, apenas contra os seus sacerdotes, que chamam a Grande Deusa de demônio e negam o seu poder no mundo.*” Bradley (1989, p.10). Trazendo para a realidade, o surgimento desse aspecto pode ser observado ao longo da história da humanidade, desde os cultos primitivos a deusa mãe-natureza ou a Grande Deusa.

O conflito entre as religiões é uma das principais temáticas do livro, a diferença entre os atos e tradições que cada religião detém. Em algumas partes da narrativa iremos perceber a diferença de comportamento entre os cristãos ao rezarem, irem à missa, sua constante prática de confissão de pecados e entre os nomeados pagãos, são aqueles que adoram a vários deuses, que estão relacionados nesta obra à religião da deusa, os rituais, sacrifícios, leis, fundamentos e ações são totalmente diferentes.

No livro, a deusa é representada pelo bem e o mal, ou seja, ela é o equilíbrio entre os dois. O papel da deusa nesta narrativa é fundamental para apresentar o ser feminino como

divindade respeitada e devotada pela sociedade primitiva, que na condição histórica da obra estava vivenciando os ataques de invasores contra a Bretanha, não só pelos saxões, mas também pela implantação do cristianismo que desde o princípio da história já ameaçava a adoração à deusa, e o outro mundo que é chamado de Avalon, a ilha Sagrada.

Os arquétipos são considerados modelos e padrões de possibilidades da imaginação humana, memórias pessoais que compõem ideias mitológicas e universais, que Jung (2002) chama de:

Arquétipos são conceitos vazios, não preenchidos. São formas universais coletivas, básicas e típicas da vivência de determinadas experiências recorrentes, que expressam a capacidade criativa única e autônoma da psique. São conteúdos coletivos todos os instintos e formas básicas de pensamento e sentimento, tudo aquilo que consideramos como universal e que pertence ao senso comum. (JUNG, 2002, p.,136)

A Grande mãe assume três formas. São elas a Mãe Bondosa, a Mãe Terrível e a Mãe Bondosa-Má, esta última é representada pela deusa na obra como seu arquétipo. A deusa que em momentos é bondosa e piedosa e em outra malvada e intolerante, como diz Viviane *“Tudo que é belo e tudo que é horrível”*. Ela está relacionada na obra que é o objeto desta análise como a mãe natureza, a mãe de todas as coisas, de todos os deuses, de todos os filhos, tudo como produto do seu ventre, o universo da deusa.

O termo mãe-Terra valida o conceito de todos da época reverenciarem a deusa, pois a maioria dessas sociedades vivia efetivamente da agricultura. Percebemos em algumas cenas do livro o culto que é prestado à deusa, os sacrifícios oferecidos, em preces e agradecimentos pela colheita.

É possível compreender o respeito e devoção da personagem Viviane e Morgana na obra, quando ela se refere à pessoa da deusa, como o próprio universo, assim como afirma Campbell (1990, p.177) *“o próprio corpo dela é o universo. Ela se identifica com o universo. Ela é toda a esfera que abarca a vida.”* Classificada ainda como Mãe do mundo, a qual todos hão de retornar na hora da morte, a simbologia da maternidade como demonstração consolo no momento da passagem de uma vida para outra.

Como abordagem no livro, vamos perceber no decorrer da história, através das situações vivenciadas pelas personagens que são mulheres que tem poderes concedidos pela deusa o preconceito que os servidores dela sofriam, sendo apontados pelos *“padres”* como povo indigno de respeito, taxados de pecadores que servem ao diabo e ao mundo das trevas, diante dessa adesão ao cristianismo como religião predominante, pretendendo abolir as religiões pagãs.

Em algumas teorias o cristianismo veio com a intenção de apagar a função de o elemento feminino ser respeitado e estimado, pois a figura da mulher na antiguidade e na cultura céltica representava a *sensualidade*, *erotismo* e mais ainda por elas terem liberdade sexual, e acesso aos cargos elevados na sociedade independentemente de serem casadas ou não. Cargos elevados na época tanto socialmente como no âmbito religioso, que emergiam às magias e profecias. Como afirma Barros (1994):

O cristianismo tentou vencer esta fascinação erótica que o feminino exercia nos celtas e que conduzia a uma verdadeira transcendência metafísica. [...] tentou de todas as formas sustentar a ideia de ter sido a primeira religião a elevar a mulher, a arrancá-la da indignidade a que a tinha reduzido o paganismo. Apresentou como provas o culto mariano, a promoção do casamento o sacramento, o respeito devido às mães.

Se foi o pagão celta que o cristianismo quis salvar, podemos perceber o quanto a mulher perdeu com isso, e como a condição feminina se deteriorou em todos os planos. Como se não bastasse a anulação total da mulher no plano jurídico, pelo direito romano, o cristianismo, no plano social, impediu as mulheres de exercerem funções elevadas e, no plano cultural, transformou a antiga fada, a mãe divina, a sábia, a sedutora em figura perigosa.

A mulher outrora bem amada ficou profundamente angustiada pela perda de sua coroa, pela degradação em que o patriarcado, associado ao direito romano e ao cristianismo a mergulhou. O que podemos concluir é que na sociedade céltica as mulheres eram livres, donas de seus destinos. (BARROS, 1994, p., 85)

Como forma de beneficiar essas mulheres que a perderam o seu lugar de destaque na sociedade a cristianismo aderiu a outras maneiras de fazer que o feminino aparecesse em sua religião, apesar de não ceder o lugar central assim como era feito em outras religiões, eles usaram artimanhas para fazer com que as mulheres abdicarem desses direitos.

Em algumas partes do livro *A senhora da Magia*, Morgana e Viviane sua tia, a senhora do lago se posicionará contra essas atitudes dos cristãos, a grande luta da personagem era fazer com que o mundo de Avallon escondido entre as brumas não desaparecesse e a deusa continuasse a ser reverenciada. Cada representação das culturas tanto cristãs quanto pagãs tinham seus defensores, no entanto até então a religião mais respeitada era a que adorava uma deusa, que as mulheres eram respeitadas como guias espirituais.

Tudo passa a mudar quando uma das duas religiões é engolida, pois o cristianismo pregava que apenas os homens teriam o direito de assumir cargos religiosos importantes e os homens seriam o centro da adoração, depois finalmente as duas religiões interagem na mesma em uma. Como aparece a pessoa da deusa encarnada na virgem Maria, como assim passaram a acreditar. Campbell (1990) afirma,

[...] na verdade esse argumento a vinha circulando na igreja fazia um tempo. Mas o local onde essa decisão foi tomada, em Éfeso, era, na época, o maior templo urbano, no Império Romano, da deusa cutindo esse ponto, o povo de Éfeso, se aglomerou ao redor do templo e começou a gritar em reverência a

Maria: “A Deusa, a Deusa, certamente ela é a Deusa” [...] na tradição católica, é a fusão da ideia hebraica, patriarcal, monoteísta, do Messias, como destinado a unir os poderes espiritual e temporal- e da ideia clássica, helenística, do Salvador, como o filho da Grande Deusa, morto e ressuscitado através do nascimento virginal. (CAMPBELL, 1990, p., 190)

O papel da deusa foi assumido pela virgem Maria no intuito de unificar as duas religiões, a deusa nesta fase desempenha um papel de pura, imaculada e virgem. A Mãe do mundo, mãe do Salvador, a deusa que nos incita a amar e ter misericórdia de todos os seres criados por Deus, a santidade, obediência e intercessão, a virgem é a figura ideal cujas mulheres têm que se espelhar.

Com características de piedosa, ajudadora, pacífica, a personagem Morgana das fadas descreve-a: “*e como um homem que ia morrer e precisava da ajuda da Mãe, para quais todos os homens finalmente se voltam. Até mesmo os sacerdotes sabem disso, com sua Maria sempre-virgem em seu manto azul, pois ela, na hora da morte também se transforma na Mãe do Mundo*”. (BRADLEY, 1989, p., 10)

São três fases de transição da religião, a primeira com influência feminina, a segunda com imposição do deus masculino, que prioriza os homens no domínio da religião e a terceira fase, introduziu a inteiração e unificação das duas crenças, pagã e cristã, transformando-as em totalmente cristã, que é demonstrada desde o prólogo quando a personagem criada por Marion Zimmer Bradley diz: “*Todos os deuses são um deus [...] todas as deusas são uma deusa, e há apenas um iniciador. E a cada homem a sua verdade, e Deus com ela*” Bradley (1989, p.,11), fazendo desaparecer a figura pagã da deusa entre as brumas e o mundo de Avallon, e reaparecendo, ilustrada na obra em um convento, descrita pela personagem Morgana que por muito tempo acreditou que a grande Deusa tivesse sido esquecida, percebeu então que ela apenas mudou de forma, como humana pura, digna de ser mãe do filho de Deus. Como elucidada: “*a Deusa reaparece, sob a forma de um espetáculo casto e puro, escolhido por Deus para a sua ação*” (CAMPBELL, 1990, p., 183).

A narrativa da Senhora da Magia, termina com a coroação do Rei Arthur e a descoberta de que Morgana carregava em seu ventre um filho fruto de seu relacionamento com o irmão rei, em um ritual para a deusa. A revolta da personagem contra a tia Viviane, sacerdotisa da ilha Sagrada de Avalon, que a fez se relacionar com o próprio irmão. Morgana decide partir e dentre as brumas que envolvem a ilha desaparece.

6 CONCLUSÃO

Neste trabalho de cunho biográfico e interpretativo, foi elaborada uma análise bibliográfica da obra no contexto do grande Feminino no romance histórico *A senhora da Magia* da escritora norte-americana Marion Zimmer Bradley. Nesta abordagem foi feita a partir da reflexão da teoria crítica feminina, da condição da representatividade do espaço da mulher, do simbolismo e o arquétipo da Grande Deusa. A pesquisa intitulada “*Dissipando as Brumas, Ver-se-á a Face da Deusa*” desenvolveu um estudo realizado com base compreensão da conduta das personagens mulheres na obra. Foi levantado através de questionamentos, relatos e fatos históricos, os aspectos culturais, míticos, simbólicos e literários e as realidades da condição feminina expressada nesta obra.

A relevância da significação da pesquisa foram mencionados em sua temática, que interpela discussões sobre gênero, religiões e a condição feminina na sociedade, dando a voz a mulheres que recontam uma história que outrora era vista de uma perspectiva masculina, numa ótica feminina. São elas quem toma as decisões, quem ocupam as posições de destaque, inclusive até a divindade é uma Deusa, simbolizando uma era cercada pelas vivências femininas em liberdade. Mulheres míticas que não se dobram diante de homens, que não temem a princípios patriarcais, que lutam pelos seus direitos, que tiveram grande influência marcando a história, que dedicaram suas vidas em busca de um ideal.

Concluimos que as habilidades aqui estendidas, tais como um foco narrativo, descrição de personagens, os espaços e cenas são da ordem da literariedade do textos de Bradley, pois o discurso utilizado, os aspectos linguísticos, elementos do texto narrado são características bem apresentados pela autora. São estes componentes responsáveis por tornar este enredo uma obra magnífica e fascinante.

Constatamos que no texto de Bradley (1989), há algumas especificidades das personagens que remontam a sua vida e passeiam pelo tempo rememorando um passado mítico e histórico, dando impressão que o leitor esteja viajando em suas lembranças e memórias e, ainda, revelando sua verdadeira identidade, seus medos, anseios, dúvidas, questionamentos e defeitos. A narradora, Morgana, nos aproxima de sua realidade, nos descreve sentimentos e sublimes sensações ao longo da narrativa. É como se a voz do seu pensamento ecoasse na psique do leitor fazendo-o se identificar a ficção pode ser assimilada através de processo mimético a quase realidade.

O fato da vida de Morgana e das outras personagens passarem por tantos desafios, enfatiza mais ainda que as mulheres sejam seres magistrais e não seres inferiores que devem

ser menosprezados por causa de uma ideologia e de uma crença. Os valores das mulheres estão acima de tudo isso, pois a figura materna principalmente, por carregar os arquétipos do amor, da energia de acolhimento que apenas um colo de mãe apresenta, a natureza como figura da Deusa mãe da Terra e de todos. O verdadeiro sentido da devoção, da entrega por amor a uma divindade.

No romance, *A Senhora da Magia*, de Marion Zimmer Bradley, em destaque a personagem Viviane a Dama do Lago, que podemos considerar imperatriz na sua ilha de Avalon uma mulher forte, determinada e, sobretudo destemida, seu papel seu esplendor e misterioso proceder é grandiosamente destacado em inúmeras narrativas mitológicas.

A imagem da mulher fora dos estereótipos que a sociedade impõe ainda está sendo construída, o silêncio que muitas vezes foi o precursor de tanto aprisionamento está sendo trocado pela voz, pelo grito de liberdade destas mulheres que sonham com uma sociedade justa de direitos iguais, a saída de um padrão idealizado patriarcal e a entrada em um convívio que os dois tenham papéis e funções exaltadas.

Quando a literatura é produzida por mulheres ela dedica-se a temas e relações diferenciadas, como exemplo, laços familiares detalhes do romance, símbolos e ícones significativos, o desenvolvimento religioso da época, a influência de ideologias no poder que pode prejudicar ao povo, ao futuro dos filhos, o zelo com que diz respeito à vida.

Portanto, presume-se que, na obra de Bradley, buscou atingir um público leitor de caráter crítico, sua forma de escrita envolvente nos faz procurar a continuação da trilogia, entre outras obras fascinantes da autora, pressupondo assim, um elo entre os leitores e a autora. Neste contexto, a obra completa de, *As Brumas de Avalon*, ganhou seu espaço entre uma das obras mais lidas e adoráveis pelo público, graças ao objeto de escrita da escritora que emerge a vários tipos de comportamentos. Esta obra irreprensivelmente coloca em prática o grande feminino marcado por uma nova ordem de olhar e narra os fatos.

REFERÊNCIAS

- BEDASEE, Raimunda. **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas/** Organizado por Alda Britto da Motta, Cecília Sardenberg e Márcia Gomes. - Salvador: NEIM/UFBA, 2000. 338 p. - (Coleção Bahianas; 5)
- BRADELY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon: a Senhora da Magia.** Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** Palas Athenas, São Paulo: 1990.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** José Olympio, Rio de Janeiro: 2009.
- CIRLOT, Juan- Eduardo. **Dicionário de símbolos.** São Paulo: Centauro, 2005.
- FOUCOULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo, Loyola, 1996.
- GIRARD, Marc. **Os símbolos na bíblia.** Paulus, São Paulo: 1997
- JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 2 ed. Vozes, Petrópolis: 2002.
- LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana. **O que é imaginário.** Brasiliense, São Paulo: 1997.
- NEUMANN, Erich. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** Cultrix, São Paulo: 2006.
- ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos/** Martha Robles; tradução William Lagos, Debora Dutra Vieira – São Paulo: Aleph, 2006.